PÓS – GRADUAÇÃO FANESE

LIANA MAYNARD GARCEZ SILVA

A RELEVÂNCIA DA APRENDIZAGEM DA LIBRAS PARA O SURDO

ARACAJU
2019

LIANA MAYNARD GARCEZ SILVA

A RELEVÂNCIA DA APRENDIZAGEM DA LIBRAS PARA O SURDO

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, como um dos requisitos para obtenção do grau de Especialista em Libras: Tradução, Interpretação e Ensino.

Orientadora:
Prof.ª Msc Anne Rozell de Oliveira

ARACAJU
2019

A RELEVÂNCIA DA APRENDIZAGEM DA LIBRAS PARA O SURDO

*Liana Maynard Garcez Silva

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender a relevância da aquisição da LIBRAS para os alunos surdos que buscam seu reconhecimento e inclusão no meio social como um verdadeiro cidadão. A justificativa para a realização do mesmo se deu não somente pelo interesse pessoal pela temática, por ter vivenciado os obstáculos e dificuldades quanto aos aspectos da comunicação, interação e aceitação na sociedade, mas também por reconhecer a importância da aprendizagem da LIBRAS para os surdos, visto que a mesma é considerada como sendo o primeiro idioma da comunidade surda, onde através dela o referido público alvo interage com os colegas de classe (ouvintes e surdos) e com o professor, solicitando sempre que possível esclarecimentos para suas dúvidas, tornando-se assim um ser ativo e participativo dentro do contexto escolar. A metodologia utilizada para a realização do referido trabalho se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. Assim, foi possível concluir através do referido estudo que a falta de comunicação por não conhecer a LIBRAS, leva a segregação e coloca o surdo numa posição de incapacidade. Também é de grande relevância a presença do intérprete na sala de aula, pois além de favorecer a relação professor-aluno, dissemina a língua de sinais entre a comunidade escolar.

Palavras- chave: LIBRAS, comunidade surda, inclusão

* Liana Maynard Garcez Silva - graduada do curso de Pedagogia da Faculdade Atlântico 2009-1 e Letras / LIBRAS na UFS 2018/2.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 05
2. DESENVOLVIMENTO TEXTUAL.....06
2.1. CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL DO SURDO 07
2.2. PERCURSO HISTÓRICO DA ONG DE REFERÊNCIA 09
2.3. AQUISIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS 13
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS 16
4. ABSTRACT 17
5. REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS 18

1. INTRODUÇÃO

A Constituição Federal garante em seu art. 205, que a educação é “direito de todos e dever do Estado e da família”, no art. 208, III, indica garantir o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” e no art. 3, IV, aponta como um dos objetivos maiores do nosso país o de “promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação”. A lei se apresenta de forma clara e objetiva, por sua vez, nos mostra a necessidade de sermos pessoas conscientes dos nossos direitos, deveres e valores, assumindo cada vez mais a importância da educação do surdo em seu primeiro idioma.

Por ser deficiente auditiva, a escolha do tema surgiu por ter sempre que lutar para conseguir os espaços que promovessem o bem estar. O auxílio incondicional da família e a iniciativa de fundar uma associação de pais e amigos da pessoa surda – APADA, deixou claro que a luta e a vitória não seria apenas pessoal. Portanto, quando suscitamos a importância do estudo da Libras para os deficientes auditivos, temos plena convicção que estamos defendendo a aquisição de um idioma para toda e qualquer pessoa surda, e que fará total diferença na inclusão dessa pessoa na sociedade. Justifica-se esta pesquisa para fins acadêmicos, uma vez que a mesma tem como objeto de estudo a verdadeira inclusão.

A possibilidade de oportunizar aos surdos adquirirem sua língua natural é, sobretudo um direito, não podemos defender a inclusão social se a barreira lingüística está posta, vale ressaltar que o processo de aquisição dessa forma de expressão cedo, é fundamental para o desenvolvimento da criança, surda, com ela os surdos poder evoluir no processo de aprendizagem e até mesmo, fazer parte do processo de ensinar.

Assim, este artigo, busca resposta para os anseios de uma comunicação produtiva e inclusiva, através da fundamentação dos teóricos contemporâneos, ressaltando a relevância acadêmica deste trabalho cientifico para a comunidade surda e principalmente para esclarecer a todos essa relação de aprendizagem do estudo e aprendizado da LIBRAS, pois o surdo que domina a Língua Brasileira de Sinais e conhece as características e os componentes que fazem dela um poderoso instrumento linguístico, do qual, permite o indivíduo surdo ser amplamente beneficiado com todo o amplo conhecimento humano, inclusive a aquisição de Língua Portuguesa como uma segunda língua, independentemente de ser utilizada na forma oralizada ou escrita.

A questão problema diante dessa discussão se dá, devido ao posicionamento da sociedade ainda não conseguir compreender a importância da língua de sinais para os surdos, apesar da legislação Brasileira – LEI 10.436/2002 já determinar, que todos os cursos de formação de professores acrescente em seu currículo o estudo de LIBRAS.

Diante disso, a questão problema a ser investigada será: Qual a relevância da LIBRAS para os alunos surdos que buscam seu reconhecimento e inclusão no meio social como um verdadeiro cidadão?

O referido trabalho tem como objetivo geral, compreender a relevância da aquisição da LIBRAS para os alunos surdos, sendo delineados como objetivos específicos: Conhecer a história da educação do surdo; reconhecer a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos de Sergipe – APADA como disseminadora da LIBRAS em Sergipe; descrever a composição da Língua Brasileira de Sinais. O procedimento metodológico deu-se inicialmente por meio da pesquisa bibliográfica, uma vez que foram reunidas informações que serviram de base para a construção da investigação proposta a partir de determinado tema; Quanto a sua abordagem, a mesma é caracterizada como sendo qualitativa. Este tipo de pesquisa, segundo Gil (1991), objetiva gerar conhecimentos dirigidos à soluções de problemas específicos.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Gil (1991), considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, através da interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados básicos: o pesquisador analisa seus dados indutivamente, sendo o processo e seus significados o foco principal de abordagem, caracterizando esta pesquisa como um estudo de natureza descritiva.

Quanto aos objetivos, trata-se de uma pesquisa exploratória, buscando esclarecimentos no que se refere ao problema, com o intuito de torná-lo visível e proporcionar a construção de possíveis soluções. Como comenta Menezes e Silva (2000), esta forma de estudo visa proporcionar maior familiaridade com o problema visando torná-lo explicito ou construir hipóteses.

2. DESENVOLVIMENTO TEXTUAL

Para melhor compreensão o artigo foi organizado em tópicos, o primeiro com a descrição do contexto histórico social do surdo; segundo, o percurso histórico da ONG (organização não governamental) da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos de Sergipe, e pôr fim a aquisição da Língua Brasileira de Sinais.

2.1. CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL DO SURDO

Durante os séculos X a IX a.C, as leis permitiam que os recém-nascidos com sinais de debilidade ou algum tipo de má formação fossem lançados ao monte Taigeto. As crianças que nasciam com alguma deficiência eram deixadas nas estradas para morrerem. Diante da literatura antiga, a Bíblia faz referência ao cego, manco e ao leproso como pedinte ou rejeitados pela sociedade.

Com todos estes preconceitos não se tinha notícia sobre a educação. A surdez que é uma deficiência sem comprometimento neurológico, as crianças eram consideradas irracionais, obrigadas a fazerem os trabalhos mais desprezíveis, viviam sozinhos e abandonados na miséria. Eram tratados pela lei da época como imbecis. Não tinham direitos e também eram sacrificados, não recebiam comunhão nem heranças e ainda havia sanções bíblicas contra o casamento de duas pessoas surdas.

Mais tarde, durante a Idade Média a igreja condena o infanticídio, fornecendo a idéia de atribuir a causas sobrenaturais as "anormalidades" que apresentavam as pessoas. Mas ainda não havia nada voltado à educação do surdo. Ele era visto como um ser irracional, primitivo, não educável, não cidadão; pessoas castigadas e enfeitiçadas, como doentes privados de alfabetização e instrução, forçados a fazer os trabalhos mais desprezíveis; viviam sozinhos e abandonados na miséria. Não tinha nenhum direito e também eram sacrificados. A história dos surdos teve início de forma silenciosa e sofrida.

Em 1712-1789 surgiu na França o Abade Michel de L'Epée a primeira escola para crianças surdas, onde foi utilizada a língua de sinais, uma combinação dos sinais com a gramática francesa, com o objetivo de ensinar a ler, escrever, transmitir a cultura e dar acesso à educação (SACKS, 1989). O método de L'Epée teve sucesso e obteve os resultados espetaculares na história da surdez. Em 1791, a sua escola se transforma no Instituto Nacional de Surdos e Mudos de Paris, sendo coordenada pelo seu seguidor o gramático Sicard. (SACKS, 1989). Surge então em 1950, na Alemanha, a primeira escola pública baseada no método oral e tinha apenas nove alunos.

No século XIX, os Estados Unidos se destacam na educação de surdos utilizando a ASL (Língua de Sinais Americana), com a influência da língua de sinais francesa trazida por Laurent Cler, um professor surdo francês, discípulo do Abad Sicard, seguidor de L'Epée

fundando junto com Thomas Gallandet, a primeira escola americana para surdos e em 1864 transformando no ano de 1864 a única Universidade para surdos no mundo.

Assim, a partir de 1880 e até a década de 70 deste século, em todo o mundo a educação dos surdos foi seguindo a orientação oralista decidida no Congresso de Milão. A tecnologia avança e surgem às próteses auditivas, aparelhos de amplificação cada vez mais potentes, possibilitando ao surdo à aprendizagem da fala através de treinamento auditivo.

Uma breve história da educação de surdos no Brasil iniciou-se com a criação do Instituto de Surdos-Mudos na cidade do Rio de Janeiro, hoje é o atual Instituto Nacional de Educação de surdos (I.N.E.S.). Fundado em 26 de setembro de 1857, pelo professor surdo francês Ernet Hwet, que veio ao Brasil a convite do Imperador D. Pedro II para trabalhar na educação de surdos. No início, eram educados por linguagem escrita, articulada e falada, datilogia e sinais.

A disciplina "Leitura sobre os Lábios" estaria voltada apenas para os que apresentassem aptidões e a desenvolver a linguagem oral. Assim se deu o primeiro contato com a Língua de Sinais Francesa trazida por Hwet.

Naquela época o trabalho de oralização ainda era feito por professores comuns e não por profissionais capacitados para tal. Desta forma a comunidade surda vem conquistando seu espaço na sociedade inclusive com o avanço do apoio dos governos que propõem a inclusão. De acordo com a Declaração de Salamanca (1994, p. 15).

Segundo o texto da Constituição brasileira, em seu artigo 208, fica também garantido "O atendimento especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino". A lei nº 9394/96, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional procurando trazer a garantia de "atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino". Segundo o texto constitucional, na concepção da lei, a "educação especial" é definida no artigo 58, como "a modalidade de educação escolar na rede regular de ensino, para educando portadores de necessidades especiais".

Apesar de todos estes avanços na educação ainda há muito o que lutar e conquistar, pois a importância da LIBRAS para a comunidade surda é de pertencimento na sociedade, sendo aceito e verdadeiramente incluso como cidadão. A lei fala preferencialmente e não exclusivamente, dificultando o acesso dos surdos na educação. Muitos profissionais da área de educação não sabem como trabalhar com tais crianças, e tem medo de enfrentar o desafio. Para Sassaki (1997, p. 150), "E preciso rever toda a legislação

pertinente à deficiência, levando em conta a constante transformação social e a evolução dos conhecimentos sobre a pessoa deficiente".

A família passa por muita frustração com a chegada inesperada de um filho deficiente auditivo, causando um desequilíbrio emocional e uma alteração na relação familiar. Segundo CAMBRUZZI a família passa por fases quando se depara com um filho deficiente:

> 1º Comoção – Os pais choram a perda do filho ideal... Sensação que o mundo está acabando.
> 2º Negação – "Não pode ser"; - Corrida aos médicos; - retorno à religião.
> 3º tristeza, Ira – Sentimento de fúria; - Os pais se odeiam; - Indignação com os médicos.
> 4º Equilíbrio – Diminuição da ansiedade; - Maior confiança na sua capacidade de criar o filho.
> 5º Reorganização – Aceitação positiva; - Encaram a responsabilidade o problema. - Preocupação com a educação.

Os pais ficam desnorteados e não sabem como ajudar aos filhos, desconhecem suas possibilidades, potencialidades e limitações, qual escola ideal, para qual recorrer. A orientação, o apoio e o esclarecimento à família farão com que pouco a pouco os pais aceitem o problema e a criança passe a ser realmente acolhida e amada começando, ai, as oportunidades de socialização.

Outra questão importante que se deve destacar é a falta de conhecimento da família em relação a língua natural dos surdos, a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais, a maioria das famílias não apresenta interesse em aprender a LIBRAS por diversos motivos, seja, porque acham que é uma língua difícil de aprender, ou acreditam que não seja necessário porque se comunicam com o filho através de gestos "caseiros".

O filho surdo acaba sendo prejudicado, pois são excluídos de várias informações e acontecimentos dentro de sua própria casa. O papel dos pais é muito importante, ou seja, é determinante, na vida futura da criança surda. Esse papel pode resultar em atitudes e consequências positivas ou negativas. "Os membros da família com seus modos de ser e estar relacionando – se, influenciarão no processo de aprendizagem deste sujeito deficiente auditivo" (QUEIROZ,2007).

2.2 PERCURSO HISTÓRICO DA ONG DE REFERÊNCIA

A APADA (Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos) surgiu em 21 de junho de 1991 quando a senhora Maria Lygia Maynard se deparou com a dificuldade e o sofrimento que mães de deficientes auditivos passavam em diversas situações principalmente

por não terem recursos, daí surgiu à ideia de fundar uma associação na quais muitas pessoas poderiam ser ajudadas.

A “Associação de Pais e Amigos” começou de uma forma muito simples e com uma boa vontade enorme em uma salinha atrás do Nutrac conseguida com a ajuda de dona Maria do Carmo Alves; embora adaptada à sede tinha como objetivo maior acolher e orientar as famílias dos Surdos.

O trabalho de dona Maria Lygia Maynard foi árduo através de entrevistas, de propagandas boca a boca buscando expandir a sua causa e com isso informar a todos os familiares de Surdos que existia um local, A APADA, que poderia dar-lhes informações, sugestões, orientações ou até mesmo servir de desabafo para todas as questões que envolvessem esta deficiência, a APADA também buscava dar um suporte nas questões materiais como, por exemplo, os aparelhos auditivos tudo isso com fundos arrecadados de vendas de materiais reciclados que recolhia de pessoas amigas, todo este trabalho fez a associação crescer.

Uma das principais preocupações da entidade enquanto estava em funcionamento foi trabalhar para que seus alunos estivessem preparados para o mercado de trabalho, fazendo com que se sentissem realizados. Além do ensino de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e, das turmas de diversos níveis de escolaridade, os alunos contavam também com aulas de educação física, capoeira, corte e costura pintura e introdução à informática, dispondo ainda de toda a aparelhagem necessária para o seu bem-estar.

Segundo registros até o fechamento da organização, a mesma contava com mais de mil nomes em seu cadastro, expandindo assim, fronteiras do estado, alcançando cidades alagoanas e Baianas. A referida organização antes do encerramento de suas atividades chegou a inserir no mercado de trabalho mais de 30 deficientes auditivos em empresas como: G Barbosa, Hiper Bompreço, Fabise, C & A, TV Sergipe, Jornal da Cidade, Corona, dentre outras. Representando uma grande recompensa por todo trabalho feito, e principalmente por presenciar o de felicidade por eles se sentirem úteis e produtivos.

Na trajetória histórica da APADA fica claro a sua extrema relevância para a comunidade surda, onde um dos seus objetivos quanto ao ensino da LIBRAS era oferecer oportunidades aos deficientes auditivos para que eles adquirissem conhecimento de sua língua natural. Tal relevância se justifica uma vez que em sua maioria os deficientes auditivos eram filhos de pais ouvintes onde os mesmos não desenvolviam a referida língua, sendo necessário que os deficientes auditivos adquirissem a LIBRAS como primeira língua, para que através da mesma tivessem acesso a toda e qualquer informação exercendo assim a sua cidadania.

A aquisição da língua permite ao homem estruturar seu pensamento, traduzir suas emoções, registrar seus conhecimentos, comunicar com os outros homens e interagir com o meio. Segundo a teoria gerativista de aquisição de linguagem, os seres humanos são dotados de uma capacidade inerte para a linguagem e possuem competência linguística para exercê-la.

Ao desenvolver o ensino da LIBRAS, a APADA procurava proporcionar a experiência linguística aos deficientes auditivos que lá frequentavam, além disso, tal experiência proporcionava a valorização do deficiente auditivo em sua identidade surda, construindo assim uma relação com o outro no exercício de lutarem pelos seus direitos, sendo o primeiro, o direito a aquisição de sua língua natural, a LIBRAS.

Para ter a dimensão da dificuldade da aquisição de um idioma que traduz a real necessidade do surdo, o texto a seguir, segue descrições do importante sentido que é audição afetado por falta de conhecimento sobre o canal auditivo.

Desmistificando o entendimento, vamos analisar que a orelha está abrigada na intimidade do osso temporal e consiste em três partes, cada qual com características estruturais e funcionais distintas, situadas no osso temporal: a orelha externa, a orelha média e a orelha interna. A primeira parte, a *orelha externa,* é formada pelo pavilhão da orelha, que se projeta lateralmente à cabeça e é responsável pela captação do som; e, também, pelo *meato acústico externo, um* curto conduto que se dirige do exterior para o interior do órgão e que se apresenta fechado na extremidade interna pela membrana do tímpano. A segunda parte, *a orelha média,* é formada principalmente por uma pequena câmara cheia de ar na porção petrosa cavidade do tímpano liga-se também ao antro mastóideo e, assim, com as células do processo mastóide do osso temporal. Uma cadeia de três ossículos articulados, situados na cavidade do tímpano, estende-se da membrana do tímpano até a orelha interna e é responsável pela transmissão das vibrações provocadas pelas ondas sonoras que incidem sobre a membrana timpânica.

Pode-se dizer que o complexo tímpano-ossicular tem a importante função de transferir a energia das vibrações do meio aéreo, elástico e compressível do ouvido externo a fim de modificar a inércia dos líquidos, incompressíveis, que envolvem os receptores especializados do ouvido interno. A terceira porção, a *orelha interna,* consiste em um intrincado conjunto de cavidades e canais no interior da porção petrosa do osso temporal, conhecidos como labirinto ósseo, dentro dos quais existem delicados ductos e vesículas membranosas, designadas, no seu conjunto, labirinto membranáceo, o qual contém as estruturas vitais da audição e do equilíbrio.

Para entender a complexidade, far-se-á necessário compreender em relação à origem da deficiência auditiva que pode ser classificada em: Exógena (não-genéticos) ou endógena (genéticos). A perda auditiva exógena é aquela causada por doenças inflamatórias, toxidade, ruído, acidente, ou lesão que danifique qualquer parte do sistema auditivo. Também podem ser chamadas de perdas auditivas adquiridas. A perda auditiva endógena origina-se de características genéticas de um indivíduo, e pode ser transmitido dos pais à criança com um traço herdado. Este tipo de perda pode ser congênita. Contudo, nem todos os distúrbios auditivos congênitos (presentes ao nascimento) são hereditários e nem todos os distúrbios hereditários são congênitos (BESS, HULMES, 1998, apud Campos, Vasconcelos, Lima, 2001, p.07).

Para Bento, Butugan, Miniti, (2000, p.194) uma perda auditiva congênita caracteriza-se pela aplasia do Órgão de Corti e estruturas correlatas, podendo ser de origem genética ou não. Um exemplo de perda auditiva congênita, porém exógena (não hereditária) é a perda causada pelo vírus da rubéola na gestação. A criança, no útero materno, pode ter e nascer com perda auditiva.

Causas mais freqüente (CESCHIN, ROSLYNG-JENSEN, 2002, p.17,18). Causas genéticas e hereditárias; transmissão genética e combinação indesejável entre os gens. Causas natais, ou seja, recém nascidos com problemas de oxigenação, necessitam muitas vezes de prolongado processo de reanimação. Parto demorado, difícil contrações uterinas intensivas e contínuas, posição inadequada de apresentação fetal, circulares do cordão umbilical, ausência de passagem pelo canal do parto, ruptura precoce da bolsa d'água, incompatibilidade do fator RH.

E também, causas pós-natais que além da classificação quanto à origem, a deficiência auditiva pode ser classificada, segundo Davis & Silverman (1970, apud Frota,1998, p.51), quanto aos seguintes fatores: grau de perda auditiva e o local onde ocorre.

Assim, conhecendo melhor os níveis de perda auditiva, o processo de aprendizagem e de ensino ocorre de forma satisfatória. Lembrando que a contribuição da APADA no esclarecer, avaliar e identificar cada situação de perda e melhorar o desenvolvimento com estratégias adequadas, foi sempre adaptar os currículos facilitando a aprendizagem do surdo.

2.3. AQUISIÇÃO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

A LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) é originada da Línguas de Sinais Francesa. Não é universal, cada país possui a sua própria Língua de Sinais, que sofre a influência da Cultura Nacional.

A Língua Brasileira de Sinais é uma das Línguas faladas no Brasil. É reconhecida oficialmente pelo governo Brasileiro através da Lei 10.436/2002. É uma língua de modalidade gestual – visual que utiliza como canal ou meio da comunicação, movimentos gestuais e, expressões faciais que são percebidas pela visão. Elas são a melhor forma de interação entre pessoas surdas e, nas escolares, entre professores, alunos e colegas.

> Acredita-se também que somente existe uma língua de sinais no mundo, mas assim como as pessoas ouvintes em países diferentes falam diferentes línguas também as pessoas surdos por toda parte do mundo, que estão inseridas em "Culturas Surdas", possuem suas próprias línguas, existindo, portanto muitas línguas de sinais diferentes, como: Língua de Sinais Francesa, Chilena. Portuguesa, Americana, Argentina, Venezuelana, Peruana, Inglesa, Italiana, Japonesa, Chinesa, Urubus - Kaapor, citando apenas algumas. (FELIPE, Tanya A, 2006 p.21)

A LIBRAS foi desenvolvida por surdos do Brasil pela necessidade de comunicação entre si e existe há muito tempo, é igual a existência dada às comunidades de surdos brasileiros. A padronização da língua de sinais, no Brasil, começou quando foi fundado o Instituto Nacional da Educação dos Surdos (INES) em 1857 situado no RJ a única escola para surdos por muitos anos, funcionando em regime de internato, recebia alunos de todos os lugares do Brasil, nas férias quando voltavam para casa propagaram a LIBRAS por todo o país.

> Acrescenta CAPOVILLA (1998,9), que "mais que um de deficiente auditivo, o surdo é um membro de uma cultura, plena em seu próprio direito, e a língua de sinais é o veículo por excelência dessa cultura que é transmitida ao longo das gerações. Daí a importância, para ambas as comunidades, tanto a dos surdos como a dos ouvintes, de documentar os sinais da línguas de sinais.

A Cultura dos surdos é formada de signos e práticas diferentes da cultura ouvintes. É submetida a uma forma de ação e atuação visual, facilitando assim a transmissão de conhecimentos e informações que para eles são de difícil acesso.

Pesquisas sobre a LIBRAS mostram que esta língua é comparável em complexidade e expressividade a quaisquer línguas orais. E que ela não é uma forma do português, ao contrário, tem sua própria estrutura gramatical, que deve ser aprendida do

mesmo modo que as outras línguas, ela difere das língua orais por utilizar outro canal comunicativo, que é a visão e não a audição.

> A LIBRAS é dotada de uma gramática constituída a partir de elementos constitutivos das palavras ou itens lexicais e de uma léxico (o Conjunto das palavras da língua) que se estruturam a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos que apresentam especificidade mas seguem também princípios básicos gerais. Estes são usados na geração de estruturas lingüísticas de forma produtiva, possibilitando a produção de um número infinito de constrições a partir de um número finito de regras. É dotada também de componentes pragmáticos convencionais codificados no léxico e nas estruturas da LIBRAS e de princípios pragmáticos que permitem a geração de implícitos sentidos metafóricos, ironias e outros significados não literais. Estes princípios regem também o uso adequado das estruturas lingüísticas da LIBRAS, isto é permitem aos seus usuários usar estruturas nos diferentes contextos que se lhes apresentam, de forma a corresponder às diversas funções lingüísticas que emergem da interação do dia a dia e dos outros tipos de uso da língua (MEC/ SEES- Brasília, 1998).

A LIBRAS é capaz de exprimir idéias sutis, complexas e abstratas. Igual a outras línguas, ela aumenta o vocabulário com novos sinais adotados pela comunidade surda em resposta à mudança cultural e técnica.

Podemos afirmar que a língua de sinais é uma língua porque elas, mesmo sendo de modalidade diferente, possuem características em relação às diferenças regionais, sócio – culturais entre outras. O que é denominado de palavra ou item lexical nas línguas orais – auditivas são chamados sinais nas línguas de sinais.

Conforme CASTRO e CARVALHO pode se afirmar que a língua Brasileira de sinais é uma língua cuja estrutura é, fortemente, orientada por objetos visuais principais relacionados a elementos visuais complementares. Tal orientação visual pela imagem do pensamento leva, naturalmente, a uma estruturação diferenciada das frases construídas em LIBRAS, além da adaptação de cada sinal segundo o contexto visual. Em alguns casos, você criará frases numa estrutura onde a ordem do sujeito (S), verbo (V) e do objeto (O) poderá ser SVO, VSO ou OVS, que são estruturas predominantes do português, mas, na maioria dos casos, você criará frases numa estrutura tópico – comentário, estrutura predominante em LIBRAS.

> Os sinais são formados a partir da combinação do movimento das mãos com uma determinada forma em um certo lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou um espaço em frente ao corpo. Nas línguas de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros: Configuração das mãos – são formas das mãos, que podem ser da datilogia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominantes (mão direita para os destros), ou pelas duas mão do emissor ou sinalizador; Ponto de articulação –e o lugar onde incide a mão predominante configurada, podendo esta tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro vertical (do meio do corpo este a cabeça) e horizontal (á frente do emissor): movimento – os sinais podem ter um movimento ou não: Orientação/ Direcionalidade – os sinais tem uma direção com aos parâmetros citados; Expressão facial e / ou corporal – muitos sinais,

> além dos quarto parâmetros mencionados, em sua configuração tem como traço diferenciador também a expressão facial e ou corporal. O sinal forma-se com a combinação destes cinco parâmetros portanto, falar com as mãos é combinar estes elementos para formarem as palavras e estas formarem as frases em um contexto.

É importante ressaltar que a constituição de frases baseadas na imagem do seu pensamento, quer dizer, nas idéias, nos fatos ou nas informações visuais e lógicas criadas em sua mente é uma regra que determina a construção de frases em LIBRAS. Isto o levará a estruturar as frases de modo similar aos surdos. Em pesquisa realizada em 2004 com surdos do Rio de Janeiro, foi observado que a existência desse padrão de estruturação mental que determinam a correta estruturação da LIBRAS.

Vale ressaltar que para se ter uma comunicação clara e sem ruídos em LIBRAS deve – se obedecer a estrutura gramatical e gestual – visual própria da LIBRAS e de aprender vários sinais, também é necessário se preocupar em fazer cada sinal de modo certo, com a adequada movimentação e com a expressão facial e / ou corporal correspondente.

Para se entender melhor a situação dos surdos na escola, faz-se necessário retornar um pouco ao passado, quando foi constatado que até o fim do século XV, não tinham escolas especializadas para eles, porque eram considerados na Europa como incapazes de serem ensinados. E por isso foram excluídos da sociedade e proibidos de muitos direitos.

Hoje, mesmo com louváveis modificações, ainda é notável as dificuldades e o índice de repetência dos alunos surdos, pois os mesmos sofrem com a dificuldade de se comunicarem com os colegas, bem como com os professores, poucos são os ouvintes que querem saber sobre a Língua Brasileira de Sinais. Conforme as afirmações de GOES (2000) os alunos surdos incluídos em ambientes de ouvintes ficam impedidos de desenvolver de forma hábil e competente a LIBRAS. Segundo a autora, os surdos, quando, apresentam uma possibilidade de comunicação restrita.

Não podemos negar a importância da LIBRAS para a comunicação entre os surdos e para sua aprendizagem na escola. Mesmo iniciando na década de 90 o processo de inclusão de pessoas com necessidades especiais em escolas de ensino regular, nota-se que são grandes as dificuldades da prática pedagógica, devido ao despreparo dos profissionais envolvidos, o que coloca os alunos" incluídos" numa situação de desvantagem.

Segundo LACERDA ET. AL. (2000) a adoção da língua de sinais na educação de surdos deve ser acompanhada de uma mudança na concepção de sujeito e de língua. O surdo deve ser representado como alguém que tem as mesmas possibilidades de adquirir uma língua como o têm os ouvintes. Devido a perda auditiva, que apresenta, é a língua de sinais uma língua visual – gestual, que vai possibilitar que indivíduos surdos sejam inseridos no

funcionamento lingüístico – discursivo da língua e possam se constituir como autores de seu dizer e não como meros repetidores de padrões linguísticos aprendidos

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a relevância da LIBRAS na vida cotidiana das pessoas que são acometidas pela deficiência auditiva é possível perceber que, a Língua Brasileira de Sinais é um meio de garantir a promoção da socialização e interação do surdo na sociedade, além de poder contribuir para a valorização e reconhecimento da cultura surda.

Mesmo diante de todos os avanços já conquistados em termos de inclusão da pessoa surda, ainda há muito o que se fazer, e neste contexto destaca-se a necessidade do conhecimento sobre a língua por parte de todos que fazem parte do convívio escolar, pois caso contrário fica claro que a comunicação da pessoa surda será limitada, uma vez que a mesma ocorrerá sempre através da mediação de um intérprete.

A Libras, torna-se assim, uma ferramenta de fundamental importância para o surdo, pois através dela o mesmo passa a ter condições de ser incluído com responsabilidade e comprometimento, podendo comunicar-se em qualquer lugar onde há presença de pessoas com necessidades auditivas.

Vale ressaltar, que para que a inclusão realmente ocorra de forma satisfatória é necessário conhecimento e habilidades em libras, não esquecendo também da elaboração e execução de práticas pedagógicas adequadas ao seu desenvolvimento.

Diante do que foi visto a Língua Brasileira de Sinais, torna-se um dos principais pilares para a inclusão educacional e social desta comunidade surda, a qual permeia sua grande relevância e a necessidade de novas pesquisas e artigos.

4. ABSTRACT

The present work aims to understand the relevance of the acquisition of LIBRAS for deaf students seeking their recognition and inclusion in the social environment as a true citizen. The justification for its accomplishment was not only for the personal interest in the subject, for having experienced the obstacles and difficulties regarding the aspects of communication, interaction and acceptance in society, but also for recognizing the importance of learning LIBRAS for the deaf, as it is considered to be the first language of the deaf community, where through it the target audience interacts with classmates (listeners and deaf) and the teacher, asking whenever possible clarification of their doubts, becoming thus an active and participative being within the school context. The methodology used for the accomplishment of this work was made through a qualitative bibliographical research. Thus, it was possible to conclude through this study that the lack of communication due to not knowing LIBRAS, leads to segregation and puts the deaf in a position of disability. Also of great importance is the presence of the interpreter in the classroom, because in addition to favoring the teacher-student relationship, it disseminates sign language among the school community.

Keyword: LIBRAS, deaf community, inclusion

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Ricardo F; BUTUGAN, Ossamu; MINITI, Aroldo. **Otorrinolaringologia: Clínica e Cirúrgica.** 2ª Edição, São Paulo: Atheneu, 2000.

BESS, Hulmes, 1998, apred Campos, Vasconcelos Lima, 2001, P. 07

BRASIL, Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa**, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Brasília: Mec/SEESP. LEI 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996.

CAMBRUZZI, R. de C. S; Costa, M.P.R.**A família como interventora no desenvolvimento de atitudes comunicativas**. 2007 (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

CAMPOS, I.C.; VASCONCELOS, J.P.M.; LIMA, J.D.B. **Levantamento das causas das perdas auditivas permanentes no Recife**. Pesquisa de conclusão do curso de graduação plena em Fonoaudiologia, UNICAP. Recife, 2001.

CAPOVILLA, Fernando C. **Manual Ilustrado de Sinais**. São Paulo – USP – Instituto de Psicologia, 1998.

CASTRO, Aberto Rainha de; CARVALHO, Ilza Silva de. **Comunicação por língua brasileira de sinais:** livro báscio/ Aberto Rainha de Castro e Ilza Silva de Carvalho. – Brasileira: Editora Senac – DF, 2005.

CESHIN, Thais Helena T. de Camargo, Anna Maria A. Roslyng- Jensen. **Estimulação auditiva: uma lição de vida: guia de orientação familiar**. 1 ed.- São Paulo: Vetor, 2002.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. UNESCO. 1994

Espaço: informativo técnico – Científico do INES. Nº 21 (janeiro – junho 2004) – Rio de Janeiro: INES, 2004.

FELIPE, Tânia A. e MONTEIRO, Myrna. **LIBRAS em Contexto.** Curso Básico. Programa Nacional de Apoio a Educação Surda; Secretaria Educação Especial. Brasília, DF. **2001**

FINGER, Ingrid; QUADROS, Ronice Müller. **Teorias de Aquisição da Linguagem.** UFSC, 2008.

FROTA, Silvana. Avaliação básica da audição. In: FROTA, Silvana (org.). **Fundamentos em Fonoaudióloga – Audiologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

GÓES, Maria Cecília Rafael de (org.). **Surdez: processos eucativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000.

LACERDA, C. B.F, ET. AT **Fonoaudiólogia: surdez e abordagem bilíngüe**. São Paulo: Plexus Editora, 2000.

MACHADO, Paulo Cesar. **A política educacional de integração/inclusão um olhar do egresso surdo.** UFSC, 2008.

SACKS, Oliver, Vendo vozes: **Uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio Janeiro:Imago, 1989.

SANTOS, Tereza M. Momensohn, Russo, Iêda C. Pacheco. **A prática da audiologia clínica.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 1993

SASSAKI, Romeu. Inclusão: **Construindo uma sociedade para todo**s. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

STELLING, Esmeralda Peçanha. **Educação Precoce para Criança Surdas**. Espaço – Arte, Rio de Janeiro (RJ): agosto/dezembro 1992.